

A Segunda Guerra Mundial nos Livros Didáticos de História: Um Olhar Comparado para as Coleções do PNLD 2018

Maria Luiza Pérola Dantas Barros^I

Resumo: No presente artigo^{II} se propõe investigar a maneira como a temática da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) se encontra trabalhada nos livros didáticos de História aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2018, e destinados aos alunos e professores do ensino médio das escolas públicas brasileiras. A partir de um estudo comparado dos capítulos dessas obras que tratam diretamente o conflito, busca-se compreender quais fatos foram elencados, bem como quais abordagens foram feitas, por parte dos autores de cada coleção à temática em questão.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial, Livro Didático, PNLD 2018.

World War II in History Textbooks: A Comparative Look at the Collections of the PNLD 2018

Abstract: In this article we propose to investigate how the theme of the Second World War (1939-1945) is worked on in the History textbooks approved by the National Textbook Program (PNLD) 2018, and intended for students and teachers of teaching of Brazilian public schools. From a comparative study of the chapters of these works that directly deal with the conflict, we seek to understand which facts were listed, as well as which approaches were taken, by the authors of each collection to the theme in question.

Keywords: World War II, Textbook, PNLD 2018.

Artigo recebido em 07/12/2020 e aprovado em 08/02/2021.

Um panorama da Segunda Guerra Mundial

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR
COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018
MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS**

Para melhor situar o leitor no que se refere ao conflito mundial, nesse momento será apresentado um breve resumo dele, a partir dos autores: Hannah Arendt, em *Origens do Totalitarismo* (1966); Williams da Silva Gonçalves, em *A Segunda Guerra Mundial* (2005); Richard J. Evans, em *O Terceiro Reich em Guerra* (2016), William Shirer, em *Ascensão e queda do Terceiro Reich. Triunfo e Consolidação (1933-1939)* (2008), e *Ascensão e queda do Terceiro Reich. O começo do fim: 1939-1945* (2017).

Falar de uma história da Segunda Guerra Mundial, para os historiadores, seria em tese falar dos fatos militares e rearranjos geopolíticos. Isto não significa um esquecimento ou um “deixar em segundo plano” o caráter marcadamente ideológico deste conflito. Uma ideologia que não surgiu da noite para o dia, mas que se conferiria numa ressonância dos acontecimentos daquele sombrio início do século XX, um tempo de guerras cruéis e da morte em massa, e que, se apoiando na eugenia^{III}, faria da violência um assunto a ser ensinado e disseminado entre as nações.

É unânime entre os historiadores aferir o início do conflito à invasão da Polônia pela Alemanha, em 1º de setembro de 1939, mesmo não existindo uma declaração formal de guerra. Mas por que aquela guerra?

Para alguns historiadores, não haveria uma resposta objetiva a tal pergunta. A guerra seria resultado de uma conjunção de fatores: a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929, que mergulharia o mundo capitalista em uma grande depressão, o que acabaria por despertar ressentimentos e ativar a luta pelo poder. Tudo isto justificaria a exacerbação dos nacionalismos, das medidas protetivas e da necessidade de governos fortes, autoritários e capazes de superar em eficiência os instáveis sistemas parlamentares. Em se tratando de termos ideológicos, haveria, a partir de então, uma valorização da força, da vontade e da ação.

Na Alemanha, o inconformismo com o resultado da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) voltaria quase que imediatamente no momento de crise, e o partido nazista passaria a atribuir todas as mazelas da Grande Depressão à ação dos comunistas, socialdemocratas, judeus, banqueiros, grandes empresários e, também, aos países vizinhos, que, para ele, se empenhavam em impedir que a Alemanha se realizasse como grande nação. Nesse contexto de massas desempregadas, famintas e desesperadas, pensamentos como os de Hitler e seus seguidores passariam a ser considerados como salvadores da pátria, por oferecerem a esperança, por dizerem o que o povo queria ouvir: promessas de resgatar a soberania nacional, devolver os empregos perdidos, restaurar a glória da nação, por exemplo.

O projeto de Hitler com a guerra seria um ponto de discordância entre os estudiosos. Por exemplo: de acordo com Hannah Arendt, Hitler utilizou a guerra de forma consciente para desenvolver e aperfeiçoar o governo totalitário (1966, p. 340). Para Gonçalves (2005, p.168), nunca ficou esclarecido o que Hitler e os teóricos nazistas pretendiam construir. Já para Evans (2016, p. 141 e 142), a meta de Hitler era clara: criar o “espaço vital” para desenvolvimento do povo alemão (raça ariana) a leste, mas antes precisaria livrar-se das ameaças oriundas do Oeste (Inglaterra e França), evitando uma guerra em duas frentes. Eis a meta dele e o objetivo de todo aquele conflito, no qual aspectos econômicos e ideológicos estavam amalgamados.

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

Nesse contexto que se inseriria a invasão à Polônia. Na verdade, o que houve foi uma rápida penetração das tropas alemãs, conhecida por guerra relâmpago, a *Blitzkrieg*. Em virtude de tal agilidade, esta campanha fora considerada breve e, de acordo com Shirer (2017, p. 20) responsável pela destruição da força aérea polonesa, em 48 horas, a maior parte dos aviões antes mesmo de decolar e, em uma semana, a derrota do exército polonês com suas 35 divisões.

Mesmo com algum tipo de resistência interna por parte da Polônia, seria ela, assim como a Áustria e a Tchecoslováquia, riscada do mapa da Europa, graças à uma parceria da Alemanha com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que concordaram em instituir um regime de terror^{IV} destinado a suprimir brutalmente a liberdade, a cultura e a vida nacional polonesa.

De acordo com Gonçalves, a resposta da França e da Inglaterra aos acontecimentos de 1º de setembro não ocorrera de forma imediata: tentaram, sem sucesso, negociar com Hitler a paz em troca do “Corredor Polonês e da cidade de Danzig” (2005, p. 173), e, em 03 de setembro de 1939, a Inglaterra, seguida da França, declararia guerra à Alemanha.

Shirer narra a existência de um acordo entre a Polônia e a França, para esta prestar socorro caso aquela passasse por uma invasão. Mas a França não cumpriria tal acordo, em virtude, para o autor, de alguns fatores: o derrotismo no alto comando francês, no governo e no povo; a lembrança de como a França se esvaíra em sangue na Primeira Guerra Mundial e a determinação de não sofrer novamente tal carnificina se pudessem evitar; a compreensão de que, em meados de setembro, o exército polonês fora de tal forma derrotado que os alemães logo iriam poder movimentar um número superior de forças para o oeste e, com isso, eliminar avanços iniciais franceses; o temor da superioridade dos alemães em armamento e no ar.

Diante disto, a partir do que Shirer narra, a Polônia seria a marca de um percurso dos atos atroz e tenebrosos que os alemães infligiram aos povos conquistados, mas com profundidade de barbarismo: perseguição e extermínio da classe culta, lideranças, clero e principalmente dos 3,5 milhões de judeus na Polônia. Ademais, nada de importante acontecera na frente Ocidental, nos momentos iniciais do conflito – era a “guerra de braços cruzados” (2008, p. 30). Para Gonçalves, essa falta de ação inicial deveu-se à estratégia militar defensiva e à concepção segundo a qual a Alemanha poderia ser derrotada mediante bloqueio econômico (2005, p. 173). Os únicos combates mais sérios desse período se dariam no Atlântico Norte.

Naquele momento, de acordo com Shirer, a Alemanha propunha uma paz favorável aos seus interesses, a França não queria a guerra, mas a Inglaterra rejeitaria tal proposta de paz por ser algo vago e incerto, o que conferiria à Hitler um pretexto para um ataque no Ocidente, cujo alvo seria “destruir a força e a capacidade das potências ocidentais de novamente poderem opor-se à consolidação do Estado e ao novo desenvolvimento do povo alemão na Europa” (2017, p. 46). Mesmo que a nação alemã ansiasse pela paz, Hitler ansiava pela guerra.

Antes do ataque à França, os sucessos nazistas na Finlândia, no qual as inúmeras baixas soviéticas deram a impressão aos nazistas que não havia nada a temer, na Noruega e na Dinamarca, reforçavam a invencibilidade alemã e, no caso dos dois últimos, apresentavam seu triunfo em um ataque coordenado por ar, mar e terra.

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

Mesmo que o alvo fosse invadir a França, pelas Ardenas, em maio de 1940, a Alemanha invadiria à Bélgica e Holanda para confundir os exércitos aliados. E em 10 de maio daquele mesmo ano, ocorreria a grande ofensiva contra o Ocidente com a invasão à França pelas estradas florestais da Bélgica. Com essa invasão e a dispersão das tropas francesas, o que passou a existir foi um ambiente de pânico generalizado entre os civis franceses, que culminou na rendição em 22 de junho de 1940. Era o fim da Terceira República francesa e o início de uma divisão nacional entre o governo de Vichy e os colaboracionistas e o governo de Gaulle e a resistência. De acordo com Evans, a conquista da França marcaria o ponto mais alto da popularidade de Hitler na Alemanha entre 1933-1945 (2016, p. 168).

A Alemanha lança em 1 de agosto de 1940 um ataque aéreo contra a Grã-Bretanha, para dominá-la pelo ar e invadir por mar e terra, mas não atinge sua meta, em virtude dos caças britânicos estarem bem-preparados. Os alemães alimentavam a crença da Grã-Bretanha se render e, em 4 ou 5 meses esmagarem a URSS, o que aniquilaria a possibilidade de abrir duas frentes de guerra. Mas, não havendo sinais de colapso do moral do povo inglês, o foco do conflito mudaria para o Mediterrâneo.

Para os estudiosos, o ano de 1941 teria marcado a internacionalização da guerra, em virtude de dois grandes acontecimentos e seus desdobramentos: a invasão alemã à URSS e o ataque japonês à base aeronaval norte-americana de Pearl Harbor, situada no Pacífico.

Como escreve Gonçalves, em junho de 1941 a Alemanha invade a URSS, que representava uma peça-chave na ideologia e na geopolítica nazista, com o uso de 3,5 milhões de homens, 3.500 tanques e 5 mil aviões alemães. A Operação Barba Ruiva, como passou à História, tinha por planos, de acordo com Evans, matar o adversário e criar o espaço vital, justificado pelo darwinismo social. Era uma guerra de aniquilação, na qual as atrocidades cometidas contra a população local seriam embasadas em uma educação para o ódio, e justificadas em nome de restaurar a ordem e a segurança e libertar do controle soviético.

O avanço dos tanques alemães na Rússia, a surpresa e a velocidade do ataque e o domínio dos céus causaria o colapso inicial do Exército Vermelho. Diante das atrocidades cometidas pelos alemães, Stálin passaria a se valer de um discurso nacionalista, pela pátria, contra um inimigo em comum, para convocar a população à uma defesa patriótica, que, juntamente com o desmonte de fábricas, a política de terra arrasada, as operações de limpeza étnicas e o assassinato sistemático de prisioneiros, acabou fazendo com que a URSS fosse considerada o primeiro oponente sério do Terceiro Reich, que começaria a sentir um desgaste em muitos níveis. Somado tudo isto ao clima de inverno, com chuvas, lodaçais e cerca de 20 graus negativos, os resultados da Operação Barba Ruiva (nome pelo qual ficou conhecida essa invasão) seriam desastrosos para a Alemanha, fazendo com que, no fim das contas, a frente oriental decidisse os destinos da guerra.

Em dezembro daquele ano, sem aviso prévio, o Japão lançaria seu ataque à base norte-americana de Pearl Harbor. No dia 11 de dezembro de 1941, imediatamente após o ataque japonês, Hitler, por um jogo de alianças, declararia guerra aos Estados Unidos. Para Gonçalves, com essa declaração formal acabariam as dúvidas do Congresso americano a respeito da conveniência do país entrar na guerra ao lado dos

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR
COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018**

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

aliados. Assim, ao final de 1941, Hitler estava em guerra com as principais potências econômicas do mundo: Inglaterra, EUA e URSS.

Ainda de acordo com Gonçalves, o ano de 1942 seria marcado, nos EUA, pela assinatura da Lei de ajuda às Democracias, e a aliança com a URSS. Em 01 de janeiro daquele ano, 26 nações, entre elas EUA, Inglaterra e URSS, assinariam a Declaração das Nações Unidas, firmando assim um compromisso de se manterem unidas até a vitória final contra o projeto de Hitler.

Para o Brasil, aquele ano ficaria marcado pela sensação de que a guerra efetivamente chegara até nós, com os torpedamentos das embarcações brasileiras Baependy, Araraquara, Aníbal Benévolo, Itagiba e Arará, na faixa litorânea entre Bahia e Sergipe^V, entre 15 e 17 de agosto, resultando em centenas de mortos. A decisão brasileira de fornecer material estratégico aos norte-americanos e de romper relações diplomáticas e comerciais com os países do Eixo, em janeiro de 1942, transformou a frota mercante nacional num alvo óbvio para os U-Boote alemães^{VI}e, virtude disto, o Brasil declararia guerra se posicionando a favor dos aliados.

No segundo semestre daquele ano, o cenário de guerra começaria a ser contrário ao Eixo: em junho, na Batalha de Midway, no Pacífico, os japoneses sofreriam uma grande derrota; em outubro ocorreria a expulsão dos *Afrika Korps*, tropas alemãs na África, do Egito; e em novembro, as tropas alemãs seriam cercadas em Stalingrado, algo considerado decisivo para a guerra entre nazistas e soviéticos.

De acordo com Gonçalves, mediante essas três vitórias fundamentais para as tropas aliadas, a questão militar da Segunda Guerra tornou-se praticamente definida no início de 1943. O problema para os aliados passava a ser o de conduzir a luta até a vitória final com um mínimo de custo de homens e material. Já não havia como o Eixo reverter o quadro estabelecido. Para “os três grandes” (Inglaterra, EUA e URSS) o problema político passou a ser muito mais importante, pois o interesse seria a montagem do sistema internacional que nasceria com o fim da guerra. Neste contexto, ocorreriam as conhecidas conferências entre as nações, a primeira delas seria a Conferência de Teerã, entre 28 de novembro e 02 de dezembro de 1943. Contando com as presenças de Churchill, Roosevelt e Stálin, decidiu-se pela criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e a definição do Dia D, referente ao desembarque das tropas aliadas na Normandia (noroeste da França), para libertação e abertura de uma frente de guerra contra os alemães.

Pode-se dizer que o ano de 1944 marcaria a fase conclusiva da guerra, em virtude do Dia D, considerada a maior operação anfíbia da história. Sobre ela, Gonçalves diz:

Quando os alemães perceberam que o desembarque poderia acontecer na Normandia, nada mais restava a fazer. Passadas 24 horas de combate, a operação foi considerada um êxito. Ficava claro que os alemães já não tinham como deter a marcha dos aliados rumo a Paris e, em seguida, a Berlim^{VII}.

Mas, possivelmente, esse sucesso não foi percebido pelas tropas aliadas que desembarcaram na primeira leva na Normandia. Contrapondo esta visão, há o relato de Robert Capa, por exemplo, a partir de um de seus biógrafos, que ao memorar aquela operação a definiria como “o dia mais longo”^{VIII}, tanto para os aliados quanto para a

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

Alemanha. Era um pesadelo, que fez herói a todos os que puseram os pés naquele dia na praia de Omaha e se depararam com uma cena nada agradável:

Não havia crateras de bombas para eles se abrigarem, e os suaves declives ao longo da maior parte da praia, em forma de uma longa pinça aberta, pareciam um excelente alvo. Para agravar as coisas, os alemães tinham estado na véspera treinando em Omaha para rechaçar um ataque anfíbio. A guarnição, da qual normalmente fazia parte uma dúzia de homens contava agora centenas, operando defesas formidáveis: oito bunkers de concreto com canhões de 75 mm e 85 mm de calibre, 35 casamatas, quatro baterias de artilharia, 18 canhões antitanques, seis fossos de morteiros, quarenta pontos de lançamento de foguetes e pelo menos 85 ninhos de metralhadoras^{IX}.

Como narra Alex Kershaw, na obra *Sangue e Champanhe: a vida de Robert Capa* (2013), as fotografias de Capa desse momento seriam publicadas na revista ilustrada norte-americana *Life* de 19 de junho de 1944^X, destacando aos leitores que “embora as primeiras informações sobre os desembarques indicassem pouca resistência, suas imagens mostram a violência da batalha e a força das defesas alemãs” (2013, p.166). A partir desta breve narrativa, é possível perceber que, mesmo com a vitória dos aliados, os acontecimentos daquele 6 de junho de 1944 não foram recebidos com tanta surpresa pelos alemães e que as horas que se seguiram foram as piores daquela invasão.

A esta altura dos acontecimentos, somando mais essa derrota, Hitler corria para ficar no mesmo lugar. A última etapa da defesa alemã seria o contra-ataque nas Ardenas, em dezembro de 1944. De acordo com Shirer, plano consistia em desfechar um golpe que separasse os 3º e 1º Exércitos americanos, penetrar na Antuérpia (na Bélgica) e envolver os exércitos ingleses e canadenses ao longo da fronteira belgo-holandeses (2017, p. 629). Havia, porém, um problema: o exército alemão estava mais fraco, especialmente nos ares. O resultado apontado por Shirer indica que houve uma vitória inicial, pelo fato dos aliados terem sido pegos de surpresa, seguida de fracassos. O saldo de perdas alemãs contou com 120 mil homens, entre mortos, feridos e desaparecidos; 600 tanques e carros de assalto; 1.600 aviões; 6.000 viaturas. Tal fracasso “não só tornou inevitável a derrota no Ocidente como também lavrou a condenação final dos exércitos alemães no leste europeu (2017, p. 637).

Para Shirer, em fevereiro de 1945, as nações se reuniram na Conferência de Yalta para tratarem da divisão da Europa em zonas de influência. Neste momento, os alemães enfrentavam: falta de carvão, gasolina; fim da esperança nas armas misteriosas; falta de combustível especial para os jatos alemães, em virtude dos bombardeios e destruição das refinarias que o produziam; menos submarinos que o ideal (só 2 de 126 prometidos); e o fim da esperança na bomba atômica alemã.

Com a proximidade dos aliados a Berlim, era a primeira vez que os alemães teriam que defender a nação em seu próprio território, sendo, portando, convocados para lutar até a morte. Ainda de acordo com Shirer, para o exército alemão não havia opção: se lutasse, deveriam morrer em combate, e, caso desertasse, seriam considerados traidores, cuja a pena era a morte para o soldado e sua família.

Diante deste panorama, foi rápido o avanço das tropas aliadas para Berlim, até culminar no suicídio de Hitler e a ocupação da cidade pelo Exército Vermelho e posterior rendição alemã, em 08 de maio de 1945. Para Evans, este dia, que marca o final da guerra na Europa, não fora recebido como libertação pelos alemães, havendo uma inicial resistência interna, e, posteriormente uma submissão pacífica aos aliados,

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

em virtude: da desintegração e colapso do Partido Nazista; da morte dos possíveis líderes de resistência; do fim do fator lealdade com a morte de Hitler e da culpa em relação ao extermínio dos judeus (2016, p.846). Posteriormente seria instalado o Tribunal Militar Internacional de Nuremberg, com o intuito de acertar as contas com nazistas remanescentes, pelos crimes de guerra cometidos. Em relação a esses crimes, Gonçalves escreve:

Os alemães organizaram 20 campos de concentração e 165 campos auxiliares. Em 1942, havia cerca de 100 mil pessoas internadas e, no período 1944-1945, atingiu-se a marca de 500 mil pessoas, de diferentes nacionalidades (...) para os judeus devia ser reservada a “Solução Final”, que, inicialmente, propunha-se um programa de deportação em massa e, depois, assumiu a forma de assassinato, muitas vezes precedido de experiências ‘científicas’ perversas^{XI}.

Sobre os campos de concentração e extermínio, Hannah Arendt escreveu que seriam poços de esquecimento (1966, p. 487). Ainda de acordo com a autora, tais locais seriam organizados da maneira mais vasta e inverossímil, contando com uma seleção arbitrária das vítimas, cujo principal objetivo era o de “preparar cadáveres vivos”, mantendo, entre outros aspectos, a singularidade de cada indivíduo, a partir de torturas irracionais e sádicas.

Entre julho e agosto de 1945, as nações aliadas se reuniram novamente na Conferência de Potsdam, que pouco avançaria em relação à Conferência de Yalta, versando grande parte sobre a divisão da Alemanha entre os vencedores.

De acordo com Gonçalves, no Pacífico, assim como na Europa, o fim da guerra seria marcado pela prevalência dos fatores políticos sobre os fatores militares, não deixando dúvidas que ao lançarem as bombas sobre Hiroshima e Nagasaki, em agosto de 1945, os EUA visavam demonstrar tanto ao Japão quanto ao mundo a capacidade de destruição daquela arma, e reduzir o peso da União Soviética na nova ordem mundial^{XII}. Após este acontecimento, o Japão assinaria a rendição em setembro daquele ano, selando o fim da Segunda Guerra Mundial.

A partir do exposto, é possível perceber como a Segunda Guerra Mundial pode ser considerada um dos maiores conflitos bélicos travados no século XX e que resultou em milhões de mortos e feridos, cujos horrores não se restringiram ao continente europeu, mas, tal qual uma onda de destruição, se irradiaram pelo mundo. Esse conflito atingiu o mais alto grau na violação da vida e da dignidade humana, tornando assim de suma importância se ensinar e se pesquisar sobre este conflito atualmente: para não se esquecer, para não se repetir tais atrocidades e para desenvolver nas pessoas a sensibilidade ética nas relações interpessoais, em que cada indivíduo seja capaz de perceber o outro em sua condição humana^{XIII}.

O PNLD 2018 e a temática “Segunda Guerra Mundial” nos livros didáticos de História

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR
COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018**

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

Os livros de História utilizados para essa investigação são os aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2018, que possuíam por público alvo os alunos e professores do ensino médio das escolas públicas brasileiras.

Pela categoria de livro didático entende-se aqui o que escreve Itamar Freitas (no prelo)

“Livro didático”, portanto, será o que decidirmos que ele for, dentro do que estabelecermos como parâmetro de uso – aquilo que ele faz ou deixa de fazer, a qualidade que porta, a finalidade que cumpre, a matéria no qual é vazado, o conteúdo que veicula, a situação que o causa e a consequência que dele provém, o lugar que ocupa no mercado, no Estado, nas instituições religiosas, militares, partidárias, nos movimentos sociais, na Universidade e na escola básica.^{XIV}

Em se tratando do PNLD, pode-se dizer que este é um programa existente desde 1985, que em 1996 iniciou a avaliação dos manuais escolares a partir de editais trienais, cada um destinado a um nível escolar (ensino fundamental menor, ensino fundamental maior e ensino médio). Tal processo de avaliação é constituído por algumas etapas, que inclui tanto a submissão por parte das editoras de suas respectivas coleções ao edital do PNLD para serem apreciadas por especialistas de cada área, conforme as normas desse documento, quanto a produção do Guia do Livro Didático com resenhas dos materiais aprovados para as escolas públicas escolherem as coleções que melhor se adequem ao seu projeto político pedagógico, sendo papel do Estado efetivar a compra e distribuir aos alunos.

Ao todo foram 13 coleções aprovadas pelo PNLD 2018 para o componente curricular História, expostas no quadro a seguir:

**QUADRO 1:
Síntese de informações das coleções aprovadas no PNLD 2018**

Título	Sigla	Autores	Edição	Editora
Caminhos do Homem	CAH	Adhemar Marques; Flávio Beruti	3 ^a	Base Editorial
Cenas da História	CEH	Cândido Grangeiro	1 ^a	Palavras e Projetos Editoriais
Conexões com a História	COH	Alexandre Alves; Letícia Fagundes de Oliveira	3 ^a	Moderna
#Contato História	CH	Adriana Machado Dias; Keila Grinberg; Marco Pellegrini	1 ^a	Quinteto
História	H	Georgina dos Santos; Jorge Ferreira; Ronaldo Vainfas; Sheila de Castro Faria	3 ^a	Saraiva Educação
História- das Cavernas ao Terceiro Milênio	HCTM	Myriam Becho Mota; Patrícia Ramos Braick	4 ^a	Moderna
História em Debate	HD	Renato Mocellin; Rosiane de Camargo	4 ^a	Editores do Brasil
História Global	HG	Gilberto Cotrim	3 ^a	Saraiva Educação
História- Passado e Presente	HPP	Gislane Azevedo; Reinaldo Seriacopi	1 ^a	Ática
História, Sociedade & Cidadania	HSC	Alfredo Boulos Júnior	2 ^a	FTD
Oficina de História	OFH	Flávio de Campos; Júlio Pimentel	2 ^a	Leya

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR
COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018
MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS**

		Pinto; Regina Claro		
Olhares da História- Brasil e Mundo	OLH	Bruno Vicentino; Cláudio Vicentino	1 ^a	Scipione
Por dentro da História	PH	Célia Cerqueira; Maria Aparecida Pontes; Pedro Santiago	4 ^a	Escala Educacional

Quadro elaborado pela autora.

Com relação à temática da Segunda Guerra Mundial, no que se refere a quais assuntos são mais recorrentes no conjunto dos livros aprovados para o componente curricular História no PNLD 2018, destinados ao terceiro ano do ensino médio^{XV}, observa-se a tabela a seguir:

TABELA 1

Temas e frequência nas coleções do PNLD 2018

Frequência nas Coleções do PNLD 2018														
Tema	CAH	CEH	CH	COH	H	HCTM	HD	HG	HPP	HSC	OFH	OLH	PH	Total em %
O mundo no entreguerras	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	92%
Expansionismo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	100%
Pactos entre nações	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	100%
Invasão e ocupação da Polônia – início da Segunda Guerra Mundial	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	100%
Blitzkrieg	-	-	X	X	-	X	X	X	X	-	X	X	X	69%
Resistência	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	85%
Formação do Eixo	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X	X	X	92%
Crise interna com a guerra	-	-	-	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	15%
Invasão à URSS	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	100%
Ataque à Pearl Harbor	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X	X	92%
EUA na guerra	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	100%
Derrota alemã na África	X	-	-	-	-	X	-	X	X	X	X	X	-	54%
Stalingrado	-	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X	X	85%
Dia D	-	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X	X	X	85%
Rendação alemã	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	92%
Conferência de Teerã	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-	23%
Conferência de Yalta	X	X	-	-	X	X	-	-	-	-	-	X	-	38%
Conferência de Potsdam	X	X	-	-	X	X	-	-	X	-	-	X	-	46%
Hiroshima e Nagasaki	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	100%
Criação da ONU	X	X	-	-	X	X	-	-	X	-	-	X	-	46%

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR
COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018
MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS**

Tribunal de Nuremberg	-	X	-	-	X	X	X	X	X	X	-	X	X	69%
Holocausto/Solução Final	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	100%
Declaração dos Direitos Humanos	-	-	-	-	X	X	X	-	X	X	-	-	-	38%
Indústria de guerra	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15%
Brasil no conflito	-	X	X	-	X	X	X	X	-	X	-	X	X	69%
Definição da Segunda Guerra	X	-	-	X	-	-	X	X	-	-	-	-	-	31%
Finalidade para estudar o conflito	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8%

Fonte: BARROS, 2019, p.62.

Considerando este levantamento de dados e analisando de uma maneira geral percebe-se que, em quase todas as coleções (92%) há uma preocupação por parte dos autores de contextualizar o período compreendido entre o final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e o início da Segunda Guerra, principalmente apontando a falência do Tratado de Versalhes e da Liga das Nações e o mergulho do mundo capitalista existente num momento de crises e incertezas, em virtude da quebra da Bolsa de Valores em 1929. Para Adhemar Marques e Flávio Beruti, autores da coleção *Caminhos do Homem* (CAH), seria neste momento de crises e receios relacionados à aproximação dos ideais de esquerda que se presenciaria a emergência de regimes fascistas entre as nações.

De acordo com Alfredo Boulos Júnior, autor da coleção *História, Sociedade & Cidadania* (HSC), a insatisfação com a ordem mundial vigente nos anos 1930 teria ocasionado a expansão imperialista de nações como a Alemanha, Itália e Japão (2016, p. 95 e 96). Tais práticas expansionistas do período são abordadas em todas as coleções, assim como os pactos de não-agressão, os acordos de proteção assinados entre as potências e a política de apaziguamento, vista, por exemplo, na coleção CAH como um fechar de olhos das potências ocidentais (2016, p. 57); ou por Alexandre Alves e Leticia Fagundes de Oliveira, na coleção *Conexões com a História* (COH), como algo não contestado pela Inglaterra (2016, p.115); ou mesmo por Célia Cerqueira, Maria Aparecida Pontes e Pedro Santiago, na coleção *Por dentro da História* (PH), como um acirramento de rivalidades que levava o mundo ao precipício da guerra (2016, p. 77-79).

Adriana Machado Dias, Keila Grinberg e Marco Pellegrini, autores da coleção *#Contato História* (CH), são os únicos a traçarem um panorama interno da Alemanha neste período, apontando o revanchismo existente em relação ao Tratado de Versalhes, assim como o governo nazista, com suas medidas racistas e xenófobas, fruto da crença no arianismo e no pangermanismo (2016, p.123).

De maneira unânime, os autores das coleções aprovadas no PNLD 2018 apontam a invasão da Polônia, em setembro de 1939 por tropas alemãs, tanto como um desdobramento da prática imperialista alemã quanto como o estopim da Segunda Guerra Mundial, tendo em vista a declaração de guerra por parte da Inglaterra e da França depois do ocorrido. Em relação a este tópico, o único autor que buscaria uma problematização do marco inicial do conflito seria Gilberto Cotrim, em *História Global* (HG), no que se refere a tal invasão significar naquele momento o início de um conflito restrito à três potências: Alemanha, Inglaterra e França (2016, p.59). Já na coleção

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR
COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018**

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

CAH, Marques e Beruti procuram mostrar que desde 1937 a guerra já dominava os horizontes asiáticos, em virtude da ofensiva japonesa à China (2016, p. 60).

Parafraseando Evans (2016) e Shirer (2017), o Boulos Júnior (coleção HSC) narra que o ocorrido depois da invasão à Polônia seria uma “guerra de mentira” nos primeiros 6 meses do conflito, seguida da rápida conquista de nações como a Dinamarca, a Noruega, a Holanda, a Bélgica e a França (2016, p.98). Alguns autores buscam explicar as rápidas vitórias alemãs a partir da definição da *Blitzkrieg*, a guerra relâmpago, outros como Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi, na coleção *História-Passado e Presente* (HPP), para romper com a ideia de passividade dos povos dominados pelos nazistas, faz um trabalho de definição do termo resistência, apontando até mesmo como tal manifestação se fazia presente também no interior da Alemanha, de formas diversas: desobediência civil, boicotes e panfletagens, por exemplo (2016, p. 101).

Na sequência deste ponto, a maior parte dos autores (85%) busca pincelar a situação de isolamento vivida pela Grã-Bretanha, com os constantes e violentos bombardeios alemães, nominado por Cândido Grangeiro, em *Cenas da História* (CEH) como Operação Leão Marinho, e, como resposta, a resistência interna aos ataques e os bombardeios à Berlim (2016, p. 190). Os mais prejudicados com tais bombas eram os civis, que tinham suas vidas alteradas pela violência daquele conflito e pelas crises, a exemplo de abastecimentos dos países, em virtude do caráter totalizante da guerra. Sobre este aspecto mais cotidiano do conflito, apenas Azevedo e Seriacopi (2016, p. 102), e Myriam Becho Mota e Patrícia Ramos Braick, na coleção *História- das Cavernas ao Terceiro Milênio* (2016, p.82), fazem menção.

Como as forças alemãs não conseguiram a capitulação da Inglaterra, acabaram se voltando para a África, o Mediterrâneo e o Oriente, mais especificamente a URSS, no qual há uma unanimidade entre os autores das coleções aprovadas em apresentarem a invasão alemã à região como um momento importante no conflito. Neste ponto alguns deles optam por citar o contingente humano envolvido, mas outros, preferindo o viés mais cultural, abordam o caráter ideológico presente na invasão alemã à URSS, como é o caso de Grangeiro (CEH), que menciona que a URSS era vista como uma ameaça ideológica ao regime nazista (2016, p. 191); ou Alves e Oliveira (COH), que associam a Operação Barbarossa à conquista do espaço vital ansiado pelos alemães (2016, p.119); ou ainda Renato Mocellin e Rosiane de Camargo, na coleção *História em Debate* (HD), que justificam a invasão a partir de motivações econômicas, estratégicas e ideológicas (2016, p.87).

Outra unanimidade entre os autores seria aferirem ao episódio de Pearl Harbor e a consecutiva entrada dos EUA (abordada com mais consistência e riqueza de detalhes por Georgina dos Santos, Jorge Ferreira, Ronaldo Vainfas e Sheila de Castro Faria, na coleção *História*) no conflito, apresentada, por exemplo (e assim como a entrada da URSS) por Grangeiro (CEH) como decisiva, fazendo com que os nazistas acumulassem derrotas tanto a leste quanto a oeste (2016, p. 192).

Após este ponto, com exceção de Bruno Vicentino e Cláudio Vicentino, autores da coleção *Olhares da História- Brasil e Mundo* (OLH), e de Grangeiro (CEH), os autores das coleções aprovadas costumam abordar o Brasil no conflito, pontuando a neutralidade inicial do então presidente Getúlio Vargas em relação a assumir um lado naquela guerra, que, com os ataques aos navios brasileiros, e a consequente

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR
COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018**

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

manifestação da população nas ruas, somado à política de Boa Vizinhança, se modificaria para um alinhamento com os aliados e a declaração de guerra às potências do Eixo, enviando tropas para combate.

Por serem livros adquiridos com recursos públicos, voltados para os alunos de escolas públicas do país, se torna interessante notar o tipo de abordagem dada por cada autor à temática do Brasil na guerra, e o quanto tal abordagem ocupa no capítulo. Por exemplo: nas coleções de Mota e Braick (HCTM), e de Vicentino e Vicentino (OLH), o tema chega a ocupar mais da metade de uma lauda; tanto na coleção de Dias, Grinberg e Pellegrini (CH), quanto na de Mocellin e Camargo (HD) e na de Flávio de Campos, Júlio Pimentel Pinto e Regina Claro (*Oficina de História*) duas laudas cada. Se tratando do envio dos soldados brasileiros, pontua-se que o desempenho dos brasileiros poderia ser considerado satisfatório, já que lutaram mal equipados e despreparados contra tropas alemães de segunda linha. Essa visão aparentemente mais questionadora também é perceptível em coleções como a CH, em que Dias, Grinberg e Pellegrini pontuam as dificuldades dos pracinhas que foram lutar na Europa e as contradições do país, que enviara tropas contra ditaduras quando internamente vivenciava algo muito similar em sua política (2016, p.137). Porém, nesta coleção, a impressão que fica quando se aborda as dificuldades dos pracinhas, é que se faz para reforçar o mito de “heróis da pátria”. Mocellin e Camargo, na coleção HD, fornecem alguns dados em relação ao número de combatentes que foram enviados ao conflito pela FEB: cerca de 25.334 homens, sendo que 15.069 entrariam efetivamente em ação e 451 morreriam no conflito (2016, p.80). Já Mota e Braick, na coleção HCTM, chegam a pontuar que, após a declaração de guerra ao Eixo, ocorreriam perseguições aos descendentes alemães, italianos e japoneses no Brasil (2016, p.76).

Tanto Grangeiro (CEH), quanto Cerqueira, Pontes e Santiago (PH), mencionam a entrada do Brasil na Segunda Guerra de maneira separada do texto principal, em seções. Aquele aprofunda sobre os torpedeamentos na costa brasileira a partir do torpedeamento da embarcação Baependi no litoral de Sergipe, mencionando ter ocorrido 270 mortes (2016, p.194). Em ambas não é perceptível uma problematização em relação ao envio de tropas brasileiras ao conflito.

Marques e Beruti (CAH), Alves e Oliveira (COH), Gilberto Cotrim (HG) e Azevedo e Seriacopi (HPP)^{XVI}, não mencionam a participação do Brasil no conflito dentro do capítulo sobre a Segunda Guerra, mas abordam a temática no capítulo relacionado a Era Vargas (1935-1945). Já os autores Santos, Ferreira, Vainfas e Faria (H) e Boulos Júnior (HSC), mesmo propondo uma abordagem da temática nos capítulos relacionados à Era Vargas, chegam a pontuar no capítulo sobre a Segunda Guerra, de forma mais breve, a participação do Brasil no conflito.

Quase todos os autores (a exceção seria Marques e Beruti, na coleção CAH, em virtude dos mesmos terem dividido o conteúdo em três fases da guerra e não ter aprofundado nenhum dos eventos militares do período), o tópico que se segue relaciona-se à contenção e derrota dos alemães e o avanço dos exércitos aliados em direção à Alemanha, vista como “contraofensiva aliada” por Cotrim (2016, p.63) e Boulos Júnior (2016, p.101); ou “a contraofensiva dos Aliados” por Alves e Oliveira (2016, p.122); ou “Ofensiva dos aliados” por Mota e Braick (2016, p. 77); ou ainda “avanço dos aliados” por Dias, Grinberg e Pellegrini (2016, p. 134) e por Campos, Pinto e Claro (2016, p.115); “derrocada do Eixo” por Mocellin e Camargo (2016, p.82); “rendição alemã” por Azevedo e Seriacopi (2016, p. 105); ou simplesmente “vitória dos aliados” por

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR
COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018**

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

Cerqueira, Pontes e Santiago (2016, p. 83). Deste momento, a Batalha de Stalingrado, abordada com destaque por quase todos os autores (novamente a exceção seria Marques e Beruti), viria com tons mais épicos na coleção H, apresentada por Santos, Ferreira, Vainfas e Faria como a batalha mais sangrenta da Segunda Guerra Mundial (2016, p.96). Para Campos, Pinto e Claro (OFH), a derrota alemã significava a derrocada da ofensiva do Eixo e abria a 1ª frente aliada em direção à Berlim (2016, p.115). De acordo ainda com esta coleção, uma segunda frente seria aberta com a derrota do Eixo no Egito, e uma terceira frente com o Dia D, visão partilhada, por exemplo, por Boulos Júnior na coleção HSC (2016, p. 102).

Sobre o Dia D, dos autores que o citam (85%) como importante no trajeto para o fim do conflito, destaca-se a obra de Azevedo e Seriacopi (HPP), em virtude de pontuar dados numéricos de cerca de 3 milhões de soldados anglo-estadunidenses, os 5 mil aviões e os 6.400 navios envolvidos neste desembarque nas praias da Normandia, fornecendo uma visão da grandiosidade daquele evento (2016, p.105). Já Cerqueira, Pontes e Santiago, na coleção PH apontam a existência de soldados de diversos países, sobretudo norte-americanos e ingleses (2016, p.83). Com números referentes ao contingente humano mais modestos, Dias, Grinberg e Pellegrini, na coleção CH (2016, p.134), dizem ter desembarcado em tal operação cerca de 150 mil soldados (número partilhado por Alves e Oliveira, na coleção COH, p.123) estadunidenses, ingleses e canadenses, porém esta coleção seria a única a mencionar ‘o pesado fogo alemão’ com o qual as tropas aliadas se depararam ao desembarcar nas praias, apontando este momento como difícil e responsável por milhares de baixas.

Nas coleções em análise, após tratarem o Dia D, os autores seguem o assunto com o colapso do Terceiro Reich. Se destaca Grangeiro, ao mencionar os ataques e a destruição às cidades alemãs de Colônia e Hamburgo (2016, p.193); Santos, Ferreira, Vainfas e Faria (2016, p.101) e Boulos Júnior (2016, p.103), que mencionam os pesados bombardeios aliados à Berlim; já Dias, Grinberg e Pellegrini (2016, p.134) fornecem os números de soldados soviéticos na invasão à Berlim: cerca de 2 milhões contra aproximadamente 100 mil soldados alemães que faziam a resistência, culminado, com o suicídio de Hitler e a rendição de Berlim, no fim do Terceiro Reich. O interessante é notar que os autores da coleção HD, Mocellin e Camargo, atribuem a derrocada alemã mais como fruto da pulverização de forças em várias frentes de guerras, que necessariamente do esforço aliado numa contraofensiva (2016, p.82).

Como a queda de Hitler não significou o fim da Segunda Guerra, os autores das coleções em análise (exceto Campos, Pinto e Claro, da coleção OFH, que tratam o tema no tópico “Repercussões da guerra”, na página 117) dão continuidade abordando o teatro de guerra do Pacífico, com a atuação dos kamikazes japoneses e o lançamento das bombas atômicas contra o Japão, em Hiroshima e Nagasaki e a posterior assinatura da rendição japonesa. Coleções como a de Santos, Ferreira, Vainfas e Faria (H), veem na continuidade da guerra no Pacífico, uma luta dos EUA para subjugar o Japão (2016, p.102) e, com as bombas atômicas, uma demonstração de força dos EUA para o mundo, como Cerqueira, Pontes e Santiago trazem na coleção PH (2016, p.84), ou especificamente uma demonstração de forças à URSS, como escrevem Alves e Oliveira na coleção COH (2016, p. 124).

Ainda sobre esse tema, alguns autores apenas o citam como um indicativo do final da guerra, caso, por exemplo: Mocellin e Camargo na coleção HD (2016, p.82); Cotrim, na coleção HG (2016, p.66); Grangeiro na coleção CEH (2016, p.194);

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

Vicentino e Vicentino, na coleção OLH, que traz uma informação desencontrada das demais coleções: enquanto a maioria diz ter sido a assinatura da rendição japonesa em setembro de 1945, essa coleção diz ter sido em 19 de agosto de 1945 (2016, p.148). Há autores que buscam trazer em suas coleções um pouco mais de informação sobre tais eventos, como Azevedo e Seriacopi, na coleção HPP, quando insere dados quantitativos de mortes instantâneas (cerca de 200 mil) ocasionadas pelas bombas (2016, p. 107). É possível também observar que em algumas coleções há a disseminação de uma visão pouco questionadora (quando comparada com as demais coleções em análise) do episódio das bombas atômicas, como por exemplo a adotada por Mota e Braick na coleção HCTM, que diz ter esse momento ocorrido “diante da perspectiva do prolongamento do conflito” (2016, p.80). De forma antagônica, Boulos Júnior, na coleção HSC, traz um entendimento de ter sido esse também, para muitos, um crime de guerra que deveria ser julgado (2016, p.103), e Dias, Grinberg e Pellegrini, na coleção CH, que fornecem as possíveis interpretações para esse ocorrido (2016, p.135).

Na sequência, alguns autores traçam breve balanço de guerra, como é o caso de Vicentino e Vicentino (OLH), que apontam os resultados da destruição, com um quantitativo de gastos e perdas: 1 bilhão e 300 milhões de dólares empenhados no conflito, 30 milhões de feridos, 50 milhões de mortos, sendo 6 milhões de judeus, por exemplo (2016, p.149); e Cotrim (HG), que traz um breve balanço do conflito, com resultados da guerra e punições dos derrotados, acompanhado de um quadro com o número de mortos por nações envolvidas, mas que não conta com o número de baixas nacionais, e nem as menciona, por exemplo (2016, p. 67). Quanto à geopolítica e a divisão do mundo pós conflito, tanto Santos, Ferreira, Vainfas e Faria (2016, p.103-104) quanto Grangeiro (2016, p.195) que abordam a temática de forma mais detalhada, a partir de uma apresentação das Conferências entre as nações, durante o conflito, e as medidas que seriam tomadas a partir delas, como a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e a Declaração dos Direitos Humanos.

Um outro tema presente em todas as coleções seria o Holocausto/Solução Final, seja aparecendo de maneira diluída no início do capítulo, como foi feito por Vicentino e Vicentino na coleção OLH (2016, p.142-143); ou no decorrer do texto principal, como um tópico ou subtópico, a exemplo de Cotrim, na coleção HG (2016, p. 67 e 68), Campos, Pinto e Claro na coleção OFH (2016, p. 116), Mocellin e Camargo na coleção HD (2016, p.86), e Santos, Ferreira, Vainfas e Faria na coleção H (2016, p.100) ; ou ainda como uma seção específica, caso do tratamento a temática dado por Marques e Beruti na coleção CAH (2016, p.64 e 65), por Grangeiro na coleção CEH (2016, p.191), por Dias, Grinberg e Pellegrini na coleção CH (2016, p.138-139), por Alves e Oliveira na coleção COH (2016, p.121), por Azevedo e Seriacopi na coleção HPP (2016, p. 108) e por Cerqueira, Pontes e Santiago na coleção PH (2016, p.81), por exemplo. Sobressaem as coleções PH e CH que mostram como este processo responsável pela morte de milhões de judeus, sem contar os outros grupos (ciganos, testemunhas de Jeová, homossexuais, por exemplo), emergiu de uma ideologia predominantemente fascista de ódio aos judeus, que se materializou gradativamente e num crescente na política, pelas Leis de Nuremberg (1935), seguida da formação dos guetos a partir de 1938 e campos de concentração, depois transformados em campos de extermínio. Também se destacam coleções como a HG e CAH, onde os autores problematizam a utilização do termo Holocausto para designar tais crimes, mostrando que um termo mais adequado seria *Shoah*, e ainda informa como os cadáveres resultantes do processo eram aproveitados pela indústria. Uma outra coleção que se

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

destaca seria a COH, que traz uma entrevista com o historiador Nicolas Kinloch, apontado como um especialista do Holocausto, para mostrar as incongruências existentes nas teorias dos que procuram negar o ocorrido, conhecidos como negacionistas.

Autores Boulos Júnior na coleção HSC (2016, p. 104) e Mota e Braick na coleção HCTM (2016, p.81), enfocam mais o Tribunal de Nuremberg instaurado para julgar os crimes de guerras cometidos pelos nazistas, com um destaque maior para a última coleção que, ao tratar sobre a perseguição dos judeus, aponta a existência de uma resistência por parte desse povo, por meio de fugas, ou mesmo de armas dentro dos guetos e nos campos de concentração, a partir da Organização Judaica Combatente, formada com o levante no campo de Varsóvia, em 1943 (2016, p.84).

Ainda neste ponto, nota-se mais uma vez o desencontro por parte dos autores em relação aos dados quantitativos apresentados nas obras em questão, quando comparamos as coleções entre si: por exemplo, Azevedo e Seriacopi, na coleção HPP, dizem que, com a libertação dos campos de concentração, somava-se um pequeno número de sobreviventes, cerca de 500 mil, em relação ao número total de mortos (2016, p.108); já Grangeiro na coleção CEH narra que 6 milhões de judeus teriam morrido nos campos, mas cerca de 3 milhões teriam sobrevivido (2016, p.191).

Por fim, percebemos que, num olhar comparado entre os treze capítulos relacionados à temática “Segunda Guerra Mundial” das respectivas coleções, apenas em 4 obras há uma busca por parte dos autores em traçar uma possível definição para o conflito: Alves e Oliveira na coleção COH que dizem, na página 113, perceberem esta guerra como o conflito mais destrutivo que o mundo já presenciou; Marques e Beruti na coleção CAH, que se propõem na página 56 a pensar a guerra como resultado da necessidade que algumas potências capitalistas sentiriam de redefinir a ordem mundial e redividir mercados; Mocellin e Camargo na coleção HD, que definiriam a guerra, na página 63, como período de violação dos Direitos Humanos; e Cotrim na coleção HG, na página 55, que percebe o conflito como um conjunto de confrontos bélicos que envolveu cerca de 58 países entre 1939 e 1945.

Em se tratando de traçar uma finalidade explícita em relação ao estudo do conflito para os discentes, apenas Alves e Oliveira, na coleção COH, teriam tal preocupação, ao escreverem na página 113 que o estudo do conflito revelaria “os limites aos quais a crueldade humana pode chegar e também o valor do diálogo e da tolerância para construir um mundo mais pacífico”, o que acaba por revelar uma finalidade ao estudo do conflito relacionada com uma Educação em Direitos Humanos.

Considerações Finais

Com o exposto nesse artigo, torna-se evidente que os autores dos livros didáticos em análise possuem muitas semelhanças no que se refere à seleção e disposição dos fatos relacionados a Segunda Guerra Mundial, no decorrer dos capítulos de suas respectivas obras. Porém, como mencionado em diversos momentos, é possível notar a existência de discrepâncias entre algumas coleções, no que se refere, por exemplo, a apresentação de dados quantitativos. Pode-se dizer que, vistas como um

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

conjunto, as obras funcionam em complementariedade umas com as outras. Todavia, vistas em separado e de forma comparada tornam-se perceptíveis ausências, conflitos de abordagens e choques de informações referentes ao conflito.

Notas

^I Mestra em Educação (PPGED/UFS). Graduada em História (DHI/UFS). Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). E-mail: malupedanbar@gmail.com.

^{II} Este artigo é fruto da dissertação de mestrado da autora, intitulada *O trabalho com as fotografias no ensino da Segunda Guerra Mundial: um estudo comparado das coleções do PNLD 2018*, produzida com o financiamento da CAPES e sob a orientação do Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard. Na referida dissertação buscou-se compreender se e de que maneira os autores das coleções aprovadas no PNLD 2018 materializaram as exigências do edital, no que se refere ao trabalho das fotografias em suas obras como fonte no ofício de narrar os fatos históricos, a partir do conceito de ancoragem (ou fixação) da imagem pelo texto, proposto por Barthes (1964;1990). Ver: BARROS, Maria Luiza Pérola Dantas. **O trabalho com as fotografias no ensino da Segunda Guerra Mundial: um estudo comparado das coleções do PNLD 2018**. 2019. f. 170 Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/11975>

^{III} Ciência que prometia identificar os grupos sociais predispostos ao fracasso, a partir de uma crença de que as raças humanas seriam diferentes pela própria natureza e que nenhum esforço seria capaz de equipará-las. Sobre isso ver: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *O século sombrio: entre luzes e sombras* IN: **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio De Janeiro: Elsevier, 2004. p. 1-25.

^{IV} De acordo com Arendt, o terror total seria a essência do regime definido pela autora como totalitário, não existindo nem a favor nem contra os homens. Sua proposta seria proporcionar às forças da natureza e da história um meio de acelerar o seu movimento (1966, p. 517).

^V Para uma ideia do cotidiano de um Estado brasileiro diretamente afetado pela Segunda Guerra Mundial, ver: MAYNARD, Andreza S. C.; BARBOSA, Caroline A.; MAYNARD, Dilton C. S. **Segunda Guerra: Histórias em Sergipe**. Recife: Editora Universidade de Pernambuco, 2016.

^{VI} Sobre isso ver: ARGUELHES, Delmo de Oliveira. A Conferência dos chanceleres americanos de 1942 e o envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. In **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010, p.137.

^{VII} GONÇALVES, Williams da Silva. A Segunda Guerra Mundial. In FILHO, Daniel A. Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). **O século XX: o tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol. II, 3 ed, 2005, p.189.

^{VIII} Ver KERSHAW, Alex. **Sangue e Champanhe: a vida de Robert Capa**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2013.

^{IX} Ver KERSHAW, Alex. **Sangue e Champanhe: a vida de Robert Capa**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2013, p.160.

^X Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&id=dk8EAAAAMBAJ&q=robert+capa#v=snippet&q=robert%20capa&f=false>

^{XI} Ver: GONÇALVES, Williams da Silva. A Segunda Guerra Mundial. In FILHO, Daniel A. Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). **O século XX: o tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol. II, 3 ed, 2005, p. 183.

^{XII} Ver: MUNHOZ, Sidnei J. II Guerra Mundial: os problemas em relação à Guerra do Pacífico e ao Extremo Oriente. In MAYNARD, Dilton C. S. (org). **Visões do Mundo Contemporâneo**. São Paulo: LP-Books, vol. 1, 2012, p.30.

^{XIII} Ver: BRASIL. MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013, p. 523.

^{XIV} FREITAS, Itamar. In. FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Maria Margarida. *Dicionário do Ensino de História*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, no prelo.

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR
COMPARADO PARA AS COLEÇÕES DO PNLD 2018
MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS**

^{XV} Tendo em vista a temática relacionada à Segunda Guerra Mundial integrar as obras destinadas ao terceiro ano do ensino médio, que possuem por recorte temporal o final do século XIX/início do século XX até os dias atuais, são 13 livros didáticos analisados nesta pesquisa

^{XVI} Não trataremos aqui as respectivas abordagens sobre o Brasil na Segunda Guerra dessas coleções em virtude de tais capítulos fugirem do nosso recorte inicial, relacionado aos capítulos sobre o conflito.

Referências Bibliográficas

Fontes

Documentos

BRASIL. MEC. **Edital de Convocação 4/2015-CGPLI**. Processo de Inscrição e Avaliação de Obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2018. Brasília: MEC, 2015.

BRASIL. MEC. **PNLD 2018**: apresentação – guia de livros didáticos – ensino médio/ Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017.

Obras aprovadas para o PNLD 2018

ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Leticia Fagundes de. **Conexões com a História**. Salvador: Moderna, 3 ed., 2016.

AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. **História- Passado e Presente**. São Paulo: Editora Ática, 2016.

CAMPOS, Flávio de; PINTO, Júlio Pimentel; CLARO, Regina. **Oficina de História**. Lauro de Freitas: Leya, 2 ed., 2016.

CERQUEIRA, Célia; PONTES, Maria Aparecida; SANTIAGO, Pedro. **Por dentro da História**. São Paulo: Escala Educacional, 4 ed., 2016.

COTRIM, Gilberto. **História Global**. São Paulo: Saraiva Educação, 3 ed., 2016.

DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco. **#Contato História**. Salvador: Quinteto, 2016.

GRANGEIRO, Cândido. **Cenas da História**. São Paulo: Palavras e Projetos Editoriais, 2016.

JÚNIOR, Alfredo Boulos. **História, Sociedade & Cidadania**. Salvador: FTD, 2 ed., 2016.

MARQUES, Adhemar; BERUTI, Flávio. **Caminhos do Homem**. São Paulo: Base Editorial, 3 ed., 2016.

MOCELLIN, Renato; CAMARGO, Rosiane de. **História em Debate**. São Paulo: Editora do Brasil, 4 ed., 2016.

MOTA, Myriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. **História - das Cavernas ao Terceiro Milênio**. Salvador: Moderna, 4 ed., 2016.

SANTOS, Georgina dos; FERREIRA, Jorge; VAINFAS, Ronaldo; FARIA, Sheila de Castro. **História**. São Paulo: Saraiva Educação, 3 ed., 2016. 156

VICENTINO, Bruno; VICENTINO, Cláudio. **Olhares da História –Brasil e Mundo**. São Paulo: Editora Scipione, 2016.

Demais artigos e livros

ARENDRT, Hannah. Totalitarismo In **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1966. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_arendt_origens_totalitarismo.pdf

ARGUELHES, Delmo de Oliveira. A Conferência dos chanceleres americanos de 1942 e o envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. In **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

BARROS, José D' Assunção. História Comparada – Um novo modo de ver e fazer a história. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, vol. 01, número 01, jun./2007.

BARROS, Maria Luiza Pérola Dantas. **O caso Nelson de Rubina: guerra e cotidiano em Aracaju (1942-1943)**. (Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em História). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2015.

BRASIL. MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013.

EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich em Guerra**. Trad. Lúcia Brito. São Paulo: Planeta, 3 ed, 2016.

FREITAS, Itamar. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Maria Margarida. **Dicionário do Ensino de História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, no prelo.

GONÇALVES, Williams da Silva. A Segunda Guerra Mundial. In FILHO, Daniel A. Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). **O século XX: o tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol. II, 3 ed, 2005.

KERSHAW, Alex. Sangue e Champanhe: a vida de Robert Capa. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MUNHOZ, Sidnei J. II Guerra Mundial: os problemas em relação à Guerra do Pacífico e ao Extremo Oriente. In MAYNARD, Dilton C. S. (org). **Visões do Mundo Contemporâneo**. São Paulo: LP-Books, vol. 1, 2012.

SHIRER, William. **Ascensão e queda do Terceiro Reich. Triunfo e Consolidação (1933-1939)**. Trad. Pedro Pomar e Leônidas G. de Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol 1, 2008.

_____. **Ascensão e queda do Terceiro Reich. O começo do fim: 1939-1945.** Trad. Pedro Pomar e Leônidas G. de Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol. 2, 2 ed., 2017.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O século sombrio: entre luzes e sombras IN: **O século sombrio: uma história geral do século XX.** Rio De Janeiro: Elsevier, 2004. p. 1-25. BARROS, Maria Luiza Pérola Dantas. **O caso Nelson de Rubina: guerra e cotidiano em Aracaju (1942-1943).** (Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em História). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2015.

BRASIL. MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.** Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013.

EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich em Guerra.** Trad. Lúcia Brito. São Paulo: Planeta, 3 ed, 2016.

FREITAS, Itamar. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Maria Margarida. **Dicionário do Ensino de História.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, no prelo.

GONÇALVES, Williams da Silva. A Segunda Guerra Mundial. In FILHO, Daniel A. Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). **O século XX: o tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol. II, 3 ed, 2005.

KERSHAW, Alex. Sangue e Champanhe: a vida de Robert Capa. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MUNHOZ, Sidnei J. II Guerra Mundial: os problemas em relação à Guerra do Pacífico e ao Extremo Oriente. In MAYNARD, Dilton C. S. (org). **Visões do Mundo Contemporâneo.** São Paulo: LP-Books, vol. 1, 2012.

SHIRER, William. **Ascensão e queda do Terceiro Reich. Triunfo e Consolidação (1933-1939).** Trad. Pedro Pomar e Leônidas G. de Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol 1, 2008.

_____. **Ascensão e queda do Terceiro Reich. O começo do fim: 1939-1945.** Trad. Pedro Pomar e Leônidas G. de Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol. 2, 2 ed., 2017.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O século sombrio: entre luzes e sombras IN: **O século sombrio: uma história geral do século XX.** Rio De Janeiro: Elsevier, 2004. p. 1-25.